

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DOCÊNCIA
NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

**A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
CONSULTA COM OS SUJEITOS DESTE DIREITO**

ARTIGO MONOGRÁFICO

Lucieli da Conceição Leal

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSULTA COM OS SUJEITOS DESTE DIREITO

Lucieli da Conceição Leal

Artigo monográfico apresentado ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Docência na Educação Infantil.**

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cleonice Maria Tomazzetti

**Santa Maria, RS, Brasil
2013**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação
Programa de Pós-Graduação em Docência na Educação Infantil**

**A comissão examinadora, abaixo assinada,
Aprova o artigo monográfico**

**A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSULTA COM OS
SUJEITOS DESTE DIREITO**

elaborada por
Lucieli da Conceição Leal

Como requisito parcial para obtenção do grau de
Especialista em Docência na Educação Infantil

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Cleonice Maria Tomazzetti

Laila Azize Souto Ahmad (UFSM)

Kelly Werle (UFSM)

Santa Maria, 13 de Setembro de 2013.

SUMÁRIO

1 MINHAS MEMÓRIAS.....	6
2 PASSANDO PARA A AÇÃO: O TRABALHO COMO PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL	9
2.1 Apresentando a problemática do plano de ação	11
2.2 Tendo os objetivos, partimos para a ação!	13
3 CONECTANDO OS ELEMENTOS TEÓRICOS DESTACADOS DA/NA PRÁTICA DOCENTE VIVENCIADA.....	14
3.1A escola de Pinóquio.....	14
3.2 Fada Encantada: gosto e não gosto!	17
3.3 Brincando de magia.....	22
3.4 Estratégias desenvolvidas.....	24
3.5 Pinóquio fujão e o “véio” do saco.....	27
4 CONCLUSÕES.....	29
REFERÊNCIAS:.....	34

A QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONSULTA COM OS SUJEITOS DESTE DIREITO¹

Lucieli Conceição Leal²
Cleonice Maria Tomazzetti³

Resumo: Este trabalho visa apresentar a pesquisa realizada no curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, intitulada “A qualidade na Educação Infantil: consulta com os sujeitos deste direito”, que se realizou com o objetivo de investigar o que pensam e dizem as crianças da pré-escola b1 sobre a qualidade da educação oferecida na em uma Escola Municipal de Educação Infantil, da rede municipal de Santa Maria – RS, além disso, construir com as crianças ações e atitudes transformadoras da realidade da escola e reavaliar minha prática pedagógica. A metodologia utilizada nesta pesquisa a caracteriza como uma pesquisa qualitativa, uma pesquisa-ação, pois é transformadora da prática, foi utilizado diário de campo, observações e registros em fotos, desenhos e relatos das crianças nos momentos construídos para a coleta de dados. Os dados foram organizados e analisados pelos momentos vivenciados com os sujeitos da pesquisa, os quais foram destacados para o estudo teoricamente aprofundado. O trabalho inicia-se com minha trajetória docente e a busca de justificativa e critérios para a relevância do tema escolhido, logo apresento a metodologia do trabalho e a seguir os dados coletados destacando elementos teóricos e por fim minhas conclusões a cerca da pesquisa.

Palavras-chave: Educação Infantil, Qualidade, protagonismo das crianças.

Abstract: This work aims to present the research conducted in the course of specialization in Teaching in early childhood education, entitled "quality in early childhood education: consultation with the subjects of this law," which was held in order to investigate what they think and say children of the preschool education quality b1 offered in a Municipal School of early childhood education, the municipal network of Santa Maria – RS In addition, build with the kids actions and attitudes of transforming reality of school and re-evaluate my pedagogical practice. The methodology used in this research characterizes as a qualitative research, research-action, as it is transformative practice, was used daily, field observations and records in photos, drawings and reports of children at times built for data collection. The data were organized and analyzed by experienced moments with the subjects of the research, which were assigned to the study theoretically deepened. The work begins with my teaching career and the search for rationale and criteria for the relevance of the chosen theme, present the methodology of work and then the collected data highlighting theoretical elements and finally my conclusions about the research.

¹ Artigo monográfico apresentado ao curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, como requisito parcial para obtenção do certificado de especialista, pela UFSM.

² Acadêmica do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, turma 2011.

³ Professora Doutora em Educação, UFSM/CE. Orientadora.

Keywords for this page: Early childhood education, quality, involvement of children.

1 MINHAS MEMÓRIAS

Diamante

Você tem que acreditar, pode ser difícil, mas vai valer a pena conquistar o que o seu coração almeja alcançar, com visão de águia pra chegar em seu objetivo o seu sonho é o seu motivo .Mesmo que pareça tão distante , ou o tempo tente te desanimar - Você é um diamante! Nunca desista - Você nasceu pra ser... (Banda e voz)

Parar e refletir sobre minha trajetória como professora, as nuances e a forma como ao longo do tempo fui me tornando professora é procurar ao mesmo tempo em memórias muito antes de fazer a escolha de cursar Pedagogia e procurar em memórias muito recentes, da professora que sou hoje, e de professoras amigas que me fizeram espelhar-me e que contribuíram e contribuem cotidianamente com minha trajetória docente.

Em meio a conversas sobre escolhas profissionais, brincadeiras de crianças, sonhos sobre o que ser quando crescer, eu nunca disse que queria ser professora. Eu não brincava de ser professora; era uma criança que não sonhava em ser professora e muitas vezes procurei a resposta para a pergunta: - Por que ser professora?

Ao longo de seis anos atuando como docente na Educação Infantil e há um ano também nos anos iniciais do Ensino Fundamental venho me descobrindo ser professora e reunindo elementos que respondam a minha pergunta.

Na infância, antes de ingressar na escola, brincava de ser mãe, dona de casa, namorar, ser atleta, correr, pedalar, vender coisas, menos de “dar” aulas. Quando iniciei a pré-escola, lembro-me do primeiro dia em que minha mãe interrompeu uma brincadeira para me arrumar para o primeiro dia de escola, e as palavras dela foram bem marcantes quando disse: - Tá na hora Luciéli, tem escola agora, vai aprender a ter responsabilidade!

Nem ao menos sabia o que era escola, nem o que eu iria fazer lá, muito menos sabia como era ter a tal responsabilidade. E de escola sabia o que via minha irmã fazendo - carregava livros e mais livros, os quais muitas vezes eu pegava e pintava algumas páginas. Meus pais não avançaram muito na escolaridade - meu pai concluiu o Ensino Fundamental, enquanto minha mãe parou de estudar ainda nas séries iniciais. Não tinha, quando criança, exemplo de estudiosos, de leitores em casa; o mundo escolar era estranho pra mim.

E aos poucos fui entendendo o sentido da palavra responsabilidade, me descobrindo entre livros, cadernos, entre outras crianças que não meus primos e primas, entre adultos que

não meus pais e familiares. Ter o prazer em ler, escrever e inventar; conhecer se tornou fascinante pra mim, via o orgulho da mãe e do pai em me ver aprender, e o prazer deles em receber elogios a cada conversa com minhas professoras e ao receber os boletins.

O caminho que trilhei e por incentivo de meus pais era o de estudar, mas ainda não tinha um sonho meu de ter uma profissão. Havia sonhos que eram dos meus pais, de ter uma filha militar, dentista, modelo, mas eram sonhos deles, não meus. Até que me “descobriram”, pelos elogios e bom desempenho escolar, surgiu o primeiro pedido - de uma tia - para eu ajudasse meu primo de 7 anos em suas tarefas de casa, então, passei a dar aulas particulares para cinco crianças vizinhas, e a receber por isso; crianças que não tinham dificuldade de aprender, mas as mães insistiam em levá-las na minha casa porque na verdade não tinham paciência em ajudar nas tarefas escolares.

Lecionei aulas particulares com as crianças durante meu último ano no ensino fundamental, e por dois anos do ensino médio. No último ano do ensino médio foi que decidi por ser professora, e cursar Pedagogia. Muito por ter me despertado o ato de ensinar com as aulas particulares e por ser incentivada em casa e na escola a ingressar em nível superior.

Ao ingressar na UFSM em 2005, nasceu meu primeiro sobrinho, o Luís Paulo, que me levou a me apaixonar ainda mais por ser professora e estudar sobre as crianças; aí percebi que meu encantamento estava com as crianças pequenas, de certa forma até hoje meu olhar vem aguçando para a idade que ele está, e posso observar o que os estudos teóricos nos colocam e como acontece na vida de uma criança.

Foi neste período também que conheci o NEIIA – Núcleo de Educação Infantil Ipê Amarelo, ainda com esse nome em janeiro de 2007, quando entrei pela primeira vez no Ipê e fiz uma entrevista com a diretora para bolsista da brinquedoteca. Durante esse tempo, ocorreu uma mudança curricular no curso de Pedagogia, passando de habilitações para Licenciatura Plena, passando a contemplar a especificidade da Educação Infantil, que não era a habilitação que eu havia escolhido, mas que foi especial pra mim devido ao interesse que já havia pelas crianças pequenas.

Pois foi também no Ipê Amarelo que a pessoa que me apresentou este lugar se tornou e é, ainda hoje minha melhor amiga, *Analéia Maraschin da Costa*, ela é uma das minhas inspirações de ser professora, com ela aprendi que primeiro vem o coração, que se não for feito com amor não será bem feito, e que educação a gente ama de paixão.

Foi também no Ipê Amarelo que conheci outros professores que fazem parte do que eu sou como professora. Uma delas, *Patrícia Santos Lima*, me ensinou que a gente precisa sim

de amor, de paixão para educar, mas também necessita ser forte e firme; ter vontade de lutar pelo que pensamos e jamais calar, mesmo quando sua voz é pequena.

Ainda outra professora que me inspira e também faz muito parte da minha vida, *Simone M. dos S. Mangine*; com ela aprendi que além de ter paixão e força, necessitamos da postura, pois nela identifico o jeito de tratar com os adultos e as crianças, de amar, de lutar pela educação com uma “classe”, uma sensibilidade no olhar que te ensina muito de educação e te ensina muito da vida, te ensina a ser, muitas vezes sem dizer nada, apenas com o exemplo.

E como não falar dele, *Fernando Ferrão*, um professor homem na Educação Infantil, mesmo sem dizer nada, me fez desconstruir o pré-conceito sobre homens pedagogos sendo exemplo de dedicação, interesse de aprender mais e devorar os livros, sempre buscando aperfeiçoar-se na profissão.

A despedida no NEIA foi dolorosa sim, mas necessária para voos mais além do que eu planejava para minha profissão, fui aprovada no concurso municipal de Santa Maria. Trabalhar na realidade na qual fui educada, depois de ter conhecido a educação em outra realidade, de ter estudado, de ter pensado criticamente em educação é algo prazeroso principalmente em saber que posso transformar esta realidade.

Trabalhando na EMEI Ida Fiori Druck foi inevitável a comparação entre uma escola e outra, das diferenças estruturais, diferenças da clientela atendida e da forma como se relacionar com as famílias, frustrando-me muitas vezes por tentar agir da mesma forma e reivindicar principalmente os direitos das crianças que não eram privilegiados, e buscando uma educação de qualidade nesta escola.

Em meio a essa vontade de transformar fiz a primeira especialização, para ter uma visão ampla do que acontecia a minha volta na escola, com relação à gestão, escolhi Gestão Escolar, cursei o curso em 2010/2011. Antes mesmo de terminar a Gestão, iniciei o curso de Especialização em Docência na Educação Infantil na primeira turma de especialização pública, gratuita e específica para professores de Educação Infantil, o que me motiva e é motivo de enorme orgulho.

Na minha história tenho um motivo especial para ter escolhido especializar-me em docência na educação infantil. Primeiro pelos exemplos e inspirações dos professores que me ensinaram e me deram grandes preciosidades de como educar: amor, senso de persistência e força, sensibilidade e conhecimento. A partir deles tenho buscado cada vez mais fazer a diferença, transformar a minha realidade. Poderia ter concluído o curso de pedagogia e estar

trabalhando em uma escola particular, poderia ter concorrido uma vaga para professora em outra cidade, outro estado, mas escolhi voltar, mesmo sem nunca ter saído. Quando falo voltar me refiro àquela primeira “*profe Lu*” que fui, das aulas particulares com as crianças da vila, porém agora com um novo olhar, com novas ambições, muitas ideias.

A educação fora daqui, do meu bairro, da minha vila, da minha escola, não é muito diferente; tem as mesmas perguntas, os mesmos anseios, mas a diferença é que eu mudei e fora daqui aprendi e conheci muito além das perguntas. Conheci pessoas e situações que passaram a me constituir, me fizeram querer mudar, perguntar, e procurar respostas, pois a diferença está em como fazer; mesmo sendo importante, o principal não é ter equipamentos sofisticados, salas amplas, coloridas, ou ter salas pequenas, nenhum uso da tecnologia, mas ter à frente alguém preparado, que queira fazer melhor; que saiba o porquê de fazer assim e não de outra forma; que tenha argumentos e não desculpas; que faça educação com qualidade e não do jeito que dá. Com qualidade é do jeito que queremos, é o melhor.

Portanto, acredito que qualidade da Educação Infantil é um problema para o qual venho buscando respostas e ações efetivas em minha prática docente. Diante da minha trajetória de ter sido educada em um contexto que mesmo considerando a educação uma prioridade, sabia que sua qualidade era baixa; e esta é uma questão que já vem e está comigo delineando a professora de Educação Infantil que sou hoje.

2 PASSANDO PARA A AÇÃO: O TRABALHO COMO PROFESSORA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Na atualidade um dos grandes desafios da Educação Infantil é a qualidade nesta primeira etapa da educação básica. Da mesma forma, há um esforço para que isso aconteça através da legislação educacional e das políticas públicas em educação, já desde a garantia dos direitos das crianças. Porém, percebo que nas escolas públicas e de periferia da cidade a realidade não é a mesma proposta no que diz respeito à qualidade da educação.

Definir “Qualidade da Educação Infantil” depende do lugar de onde se fala, pois sendo um conceito socialmente construído, dinâmico e contínuo, o que é qualidade em determinado lugar pode não ser em outro. Quando se fala em educação infantil de qualidade me remeto a considerar principalmente o atendimento às crianças, e isto desencadeia outros fatores como a estrutura da escola tanto com relação à formação e comprometimento dos professores, e

gestão escolar democrática como com relação a espaços amplos e materiais diversos para a ação pedagógica.

A qualidade da educação infantil está intimamente ligada a minha docência, a minha visão de educação, de criança, infância e ao que é ser professor. Ser professor não é apenas estar na escola, cumprir horários, realizar atividades sem reflexão com as crianças, mas sim ter comprometimento, profissionalismo e estar em constante formação. Acreditar que é através da educação de qualidade que realmente teremos mudanças efetivas de comportamento, formação de cidadãos conscientes, capazes de transformar a sociedade e não apenas adaptar-se a ela.

Assim, perceber e entender a criança como produtora de cultura, agente ativo em suas relações e ver que há diferentes infâncias e refletir sobre elas é entender que o centro para um trabalho de qualidade está em um olhar atento sobre essas crianças e suas infâncias.

Minhas primeiras inquietações sobre a qualidade da Educação Infantil surgiram durante o curso de Especialização em Gestão Escolar. Assim, realizei o trabalho de conclusão de curso sobre a temática pesquisando na EMEI Ida Fiori Druck, centrando meu olhar para os gestores escolares entendi como gestores todos os envolvidos no processo educacional das crianças dentro da escola, gestores desde a administração da escola, cozinheiras, professores e estagiárias.

Conforme esta pesquisa⁴ concluí que a escola, através dos relatos de seus gestores, está em busca de qualificar a educação oferecida. Três foram os critérios sugeridos pelos gestores: A construção coletiva e prática do Projeto Político Pedagógico; a capacitação e formação dos profissionais da educação; e a existência de materiais e espaço físico adequados à prática pedagógica. Esses critérios são descritos nos principais documentos do Ministério da Educação quanto à qualidade na educação infantil, que são os *Parâmetros Nacionais de Qualidade da Educação Infantil (Brasil, 2006)* e os *Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (Brasil, 2009)*. Os critérios mencionados anteriormente são os pontos que na visão dos gestores da educação indicam a qualidade, são critérios que não são plenamente contemplados na prática da escola.

A partir dos resultados desta pesquisa acontecem movimentos pela qualidade da educação na escola. Houve movimentos da equipe diretiva (direção e coordenação) em realizar curso de Consultoria para educação de Qualidade em parceria da Secretaria Municipal

⁴ A qualidade na educação infantil: o papel dos gestores da educação realizada com o objetivo investigar o papel dos gestores da educação na busca/efetivação da qualidade na Educação Infantil (UNICID, 2011).

de Educação e o sistema FIERGS/SESI. Através deste curso passou a haver uma mobilização dos professores em pensar e reestruturar o funcionamento e organização da escola, quanto aos seus ambientes, práticas pedagógicas e estreitamento da relação família/escola.

Uma consultoria de qualidade foi realizada na escola tendo como sujeitos pais, professores e funcionários, na qual foram aplicados questionários em análise de três dimensões, a saber: Ambiente Escolar, ambiente Pedagógico e Gestão Escolar. Os resultados desta consultoria apontam para a insatisfação dos professores quanto à falta de espaço amplo e oportunidades de formação continuada; já para funcionários a questão está na falta de conhecimento das metas e objetivos da escola; enquanto para os pais o desconhecimento do trabalho pedagógico desenvolvido.

Esta consultoria mobilizou ainda mais a gestão e professores para reavaliar e transformar a educação em nossa escola. Porém, esta consultoria não ouviu os principais sujeitos de direito de uma educação de qualidade: as crianças.

A escuta da criança para mim significa o ponto inicial, desde o estabelecimento de vínculos com essa criança até desenvolver um trabalho pedagógico. Estabelecer relação com uma criança ao longo do ano inteiro não deve ser apenas através do que eu penso ser sua necessidade como adulto e professora, mas principalmente uma relação pautada no que as crianças nos dizem, nos pedem, nos trazem; e para isso é essencial o professor ter um olhar sensível e exercitar esse olhar como se fosse criança.

Tendo ouvido e sabendo o que é qualidade para os outros envolvidos na educação (pais, professores, funcionários, gestores), acredito ser de extrema importância ouvir as crianças, consultá-las, revendo o conceito de qualidade dinâmico e socialmente construído, a visão das crianças pode acrescentar e transformar ainda mais a educação de qualidade em nossa escola.

2.1 Apresentando a problemática do plano de ação

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), Resolução nº.5, de 17 de dezembro de 2009, definem a criança como “Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura” (p.12).

Essa definição é a orientação que temos de como ver a criança da educação infantil, sendo que se minha concepção estiver fora disso não estará suprindo o objetivo de estar na educação infantil pelas crianças. Ainda, para se ter qualidade da educação infantil pensamos principalmente na qualidade de atendimento às crianças. Atender, cuidar, educar, são marcas que vamos deixar nas crianças, elas são nosso objetivo.

Sendo a escola um espaço de educação coletivo, de estabelecimento de relações, de construções de conhecimentos, a escola deve ter um consenso quanto às metas e objetivos da escola, de ter a criança como o centro de todo o processo educativo, da organização e do funcionamento da escola, de ter lugar de destaque, de escuta da criança, que a escola funcione para criança e pela criança, de respeito e valorização de seus direitos.

Sabido isso, me questiono se no meu trabalho junto às crianças prevalece a definição de criança descrita nas DCNEI, se na minha escola realmente as crianças estão sendo ouvidas, se estão sendo sujeitos e produtoras de culturas infantis, se o trabalho pedagógico desenvolvido é a partir desta escuta, de como desenvolver um trabalho de qualidade que respeite os direitos fundamentais das crianças, conseqüentemente se o trabalho respeitar os direitos das crianças significa que a criança está sendo ouvida, está sendo o centro do processo.

Como citado anteriormente, o movimento de busca de qualidade na EMEI investigada foi iniciado, e os que dele participaram apontaram alguns aspectos a serem melhorados na escola, segundo a visão do adulto. Porém, ao buscar a escuta os sujeitos crianças – sujeitos para os quais a escola foi – ou deveria ter sido pensada, busco a referência em Campos & Cruz (2011), segundo a qual, a escuta da criança, a consulta dela

oferece subsídios importantes para se pensar em instituições que se aproximem mais do que as crianças desejam, pois, acolhendo as suas opiniões, é possível planejar creches e pré-escolas que cuidem delas e eduquem respeitando mais seus desejos e suas necessidades (p.102).

O movimento que penso ser necessário é a ampliação da participação das crianças, perguntando, escutando o que elas pensam que deve melhorar na escola. E neste estudo aqui apresentado, as necessidades que as crianças tem em relação à sala da pré-escola b1, quais aspectos julgam de má qualidade, que necessitam de melhorias. E, a partir das falas das crianças, construir estratégias para qualificar a escola e o atendimento a elas.

Diante disso, foi necessária uma investigação para compreender o que pensam e dizem as crianças da pré-escola b1 sobre a qualidade da educação oferecida na EMEI Ida Fiori Druck? Para isso, elenquei alguns objetivos explicitados a seguir:

- Conhecer o que as crianças da pré-escola b1, da EMEI Ida Fiori Druck, entendem por uma educação/escola de qualidade, introduzindo a temática de forma lúdica;
- Construir com as crianças ações e atitudes que podem transformar a realidade da escola/da turma para que seja de qualidade;
- Reavaliar o desenvolvimento de minha prática pedagógica que valorize a voz da criança e respeite seu direito de ter uma educação de qualidade.

2.2 Tendo os objetivos, partimos para a ação!

Na busca de respostas para a problemática em questão, uma abordagem qualitativa é necessária na medida em que foram investigados sujeitos em constante interação social e por isso também carregados de subjetividade em suas relações.

A pesquisa que se seguiu para embasar a ação considerou, portanto, uma abordagem qualitativa, exigindo que os procedimentos para a investigação possibilitassem a penetração em uma realidade social. Desse modo, a investigação se caracterizou por uma pesquisa-ação. Esta pesquisa destaca-se pela transformação da prática, com participação direta dos sujeitos e o pesquisador além de pesquisar participar desta realidade, neste caso enquadrando-se nesta pesquisa por eu fazer parte do grupo de professores desta escola e ter envolvimento direto com as crianças da pré-escola B1. Desse modo, a prática da pesquisa foi realizada na escola municipal de educação infantil do município de Santa Maria RS da qual faço parte como docente. Participaram diretamente desta as crianças da pré-escola b1, e os acontecimentos e gestão da escola foram observados como um todo, tendo influência direta nas práticas de sala de aula.

Para reunir os dados desta pesquisa foram feitas observações com registro em diário de campo, e observação aqui destacada como da minha própria prática, visto que nele não era apenas pesquisadora, mas integrante; por isso, foi inevitável interferir nos acontecimentos e vivências da referida escola e turma. O diário de campo foi então, aliado à observação com intenção de relatar e registrar fielmente os acontecimentos da sala de aula e dos acontecimentos escolares que envolvam a temática desta pesquisa/ação. No diário de campo foram registradas as falas das crianças coletadas em momentos coletivos de conversas, e também sua expressão em forma de desenho acerca da temática.

Estes dados foram organizados e analisados pelos momentos vivenciados com os sujeitos da pesquisa, os quais foram destacados para o estudo teoricamente aprofundado. O primeiro momento constitui-se pela apresentação da temática às crianças com a história de

Pinóquio, em um segundo momento as crianças caracterizaram uma escola para Pinóquio apresentando elementos que gostam e não gostam na escola, envolvidas com a ajuda à Fada Encantada, e o terceiro momento criaram estratégias para transformar a partir dos itens que reivindicaram.

3 CONECTANDO OS ELEMENTOS TEÓRICOS DESTACADOS DA/NA PRÁTICA DOCENTE VIVENCIADA

3.1A escola de Pinóquio

A temática qualidade na educação infantil foi introduzida às crianças da pré-escola b1 durante o mês de março deste ano de forma lúdica, atrativa para elas com uma história infantil já conhecida pela maioria: Pinóquio. Nesta história o menino não vai à escola, distraído com armadilhas no caminho. A história transcorre e a escola não é caracterizada; propus então às crianças que imaginassem uma escola para Pinóquio, o que teria nesta escola, como ela seria para que fossem felizes, gostassem de frequentar. Este movimento imaginativo levou as crianças à comparação entre a nossa escola e a escola imaginária de Pinóquio a qual estavam criando, ou de certa forma recriando a escola que elas frequentam. As falas expressam semelhanças entre a escola real e a imaginária; expressam também, preocupações com a estrutura física da escola, tanto a parte estrutural do prédio como de materiais e brinquedos, além das vivências que tem na escola.

Quanto à estrutura física acredito que as falas designam uma preocupação em como é a escola, da sua aparência, a qual julgo ter que ser atraente para as crianças, bem organizada, sendo também uma preocupação do adulto professor.

Ana Alice: tem portas e janelas.

Raquel: tem pracinha.

Enzo: tem uma porta igual a da nossa escola.

Camilly: é uma creche, tem professora e mesa.

Lucas: é uma escola pintada.

Nestas falas é possível a comparação com o proposto nos Indicadores da Qualidade na Educação Infantil quanto ao espaço físico adequado:

Os ambientes físicos da instituição de educação infantil devem refletir uma concepção de educação e cuidado respeitosa das necessidades de desenvolvimento das crianças, em todos seus aspectos: físico, afetivo, cognitivo, criativo. (BRASIL, 2009, p. 48)

Isso me faz refletir acerca da importância de termos a escola pintada, com aberturas (portas e janelas) em bom estado. Recentemente as aberturas internas da escola foram trocadas, bem como a pintura interna e externa da escola foi refeita no período de férias escolares. São consertos e cuidados feitos por adultos, preocupações nossas que poderiam não ter importância para as crianças, mas que aparecem em suas falas como sendo um item observado porque as fazem sentir-se bem na escola.

As crianças também definiram a escola de Pinóquio priorizando o brincar, tanto o espaço de brincar na “pracinha” como de ter brinquedos disponíveis para brincar. Estes são direitos fundamentais das crianças a serem respeitados, previstos nas DCNEI: “os brinquedos estão disponíveis às crianças em todos os momentos”, e “os espaços externos permitem as brincadeiras das crianças” (BRASIL, 2009, p. 14)

Raquel: Tem pracinha.

Ezequiel: Tem brinquedo e música.

Segundo Oliveira (2010), a forma como as crianças vivenciam o mundo, constroem conhecimentos, se expressam, interagem e manifestam desejos e curiosidades devem servir de referência em relação aos fins educacionais. Assim, o brincar é uma forma de linguagem que a criança usa para compreender e interagir com o outro e com o mundo. Aliando essa definição aos princípios descritos nas Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil, encontramos no seu Art. 8º que “a brincadeira como direito a ser garantido às crianças na proposta pedagógica da instituição”.

Em outras falas as crianças expressam alguns dos momentos vivenciados na escola, o que elas costumam fazer, elegendo estes elementos para a escola de Pinóquio .

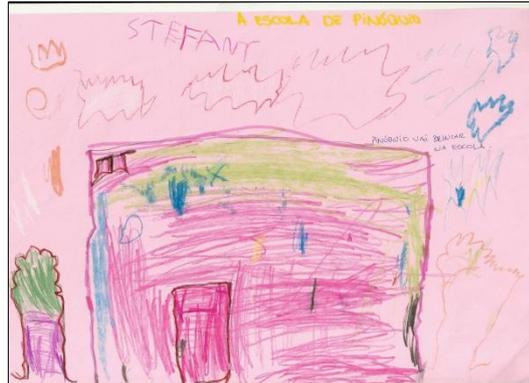
Emily: Pinóquio vai na escola estudar.

Stéfany: Pinóquio vai na escola brincar também.

Pamela: Que pode desenhar.



(Figura 1: Desenho de Emily sobre a escola para estudar)



(Figura 2: Desenho de Stéfany sobre a escola para brincar)

A Educação Infantil, foi reconhecida como integrante da Educação Básica a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996, em seu art. 21º, ao lado do ensino fundamental e médio, e isso fez com que a Educação Infantil passasse a ser vista de outra forma, como nível de escolaridade, iniciando assim a progressiva substituição do seu caráter assistencial. Nesta mesma lei é exposta a sua finalidade:

Art. 29º. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Nestas falas pude perceber a clara separação entre brincar e aprender. As falas aconteceram exatamente nesta ordem, em um grau de complemento, incisiva quando diz: - Estudar! E de forma a engrandecer esta escola:- Depois de estudar tem que brincar também!

A relação brincar/estudar procuro, muitas vezes com êxito, a partir de uma brincadeira, desenvolver diferentes conhecimentos para que haja o prazer em aprender algo, porque o brincar traz, por si só, prazer à criança. Mas percebo também que há práticas anteriores pelas quais as crianças passaram que lhes marcaram; momentos de brincar separados de aprender, e momentos de aprender formais, maçantes.

Brincar/estudar me parece muito com cuidar/educar, que na educação infantil, não há dissociação, não existe cuidar sem educar, educar sem cuidar, assim acredito que não existe brincar sem estudar, aqui estudar como sinônimo de aprendizagem, nem tampouco, estudar/aprender sem brincar. Essa dicotomia é algo superado em minha prática pedagógica, trabalhar com crianças é completamente dotado de brincar, de brinquedos, de brincadeiras.

Ainda na dimensão das vivências, podemos inferir a relação com o outro e a forma como se sentem neste espaço.

Victória: tem colegas.

Erick: é como uma casa.

Estas respostas me levaram a entender que não basta ter uma estrutura boa, brinquedos, brincadeiras, atividades de “estudar”, se não houver colegas e se a criança não se sentir bem na escola. Por isso, a dimensão do cuidado tem de ser ressignificada, e está presente no bem estar desejado para o tempo em que crianças permanecem neste espaço, compreendendo-o como contexto de convívio/interação intensos entre pares. Posso dizer que a relação com o outro influencia sentir-se bem na escola e relacionar-se com outras crianças. Além disso, a comparação feita com uma casa ressalta a importância de a escola ser acolhedora, acolhedora.

3.2 Fada Encantada: gosto e não gosto!

Com o encantamento das crianças pelo universo de fadas e duendes criados com projetos pedagógicos⁵, aliado ao interesse também pela fada que transforma Pinóquio em um menino de verdade e não mais de madeira, criei a Fada Encantada, uma fada que cuida das crianças e de seus interesses. A fada se comunica com as crianças da pré-escola b1 através de cartas pedindo algumas ações das crianças e fazendo algumas observações acerca das atividades realizadas sobre a escola.

Na primeira carta Encantada se apresentou e deixou tarefas para as crianças:

**CARTA PARA AS CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA B1
PROFESSORA LUCIÉLI**

Olá crianças! Eu sou a Fada Encantada, a Fada das crianças. Eu sou da terra das fadas, amiga da Cristal e da Lua.

Mando esta carta e outras coisas para vocês. Pedi pra prof.^a Lu fazer uma caixinha e deixei varinhas mágicas. Para ANA ALICE, CAMILLY VITÓRIA, ENZO, EMILY, ERICK, EZEQUIEL, MIGUEL, LUYZA, LUCAS, MATHEUS, NICOLAS, PAMELA, STÉFANY, VICTÓRYA e RAQUEL.

Peço para que vocês montem as varinhas, escrevam seu nome na estrelinha e pintem. A varinha é mágica e deve ser usada para mudar alguma coisa da escola que vocês não gostem.

Então conversem com a professora Lu e contem a ela o que querem mudar na escola, ela vai fazer um bilhetinho e deixar para mim, eu vou ajudar vocês na magia de transformar o que não gostam na escola.

Atenção crianças! A varinha deve ficar na escola, ser bem cuidada!
Quando mandar outra carta digo onde mais poderemos usar a varinha!
Espero seus bilhetes!
Caprichem nas varinhas!!! Ass.: Fada Encantada!

⁵ Esta ação deu sequência a projetos de trabalho que foram desenvolvidos em anos anteriores na escola, e ainda estavam na memória das crianças.

As crianças construíram varinhas mágicas e deixaram bilhetinhos com desenhos sobre o que queriam mudar na escola, e eu desempenhei a função de escriba. Os dados coletados nesta atividade demonstraram que a preocupação maior se dá em relação a brinquedos tanto como algo que gostam como algo que não gostam, a principal reivindicação está na pracinha.

Ana Alice: uma boneca eu gosto de brincar, não gosto de brincar de balanço e escorregador porque uma vez eu caí, fica muito sol e fica queimando a “bunda” dos outros.

Victória: eu gosto de dois “balanço”, não gosto do escorregador por causa do muito sol, é do muito sol.

Miguel: eu não gosto do escorregador é quando tá chovendo e gosto de brincar de carrinho quando tem sol.

Da mesma forma que a pracinha de brinquedos é algo de preferência geral das crianças - necessitam brincar lá todos os dias como se fosse o último na escola - é também um espaço no qual há as principais reivindicações e problemas de baixa qualidade. Baixa qualidade esta demonstrada nas falas, devido principalmente às questões do tempo como sol e chuva. Especificamente as influências do tempo-clima no momento em que brincam na pracinha. Primeiro, os brinquedos da pracinha ficam em um lugar onde não há sombra para os dias de sol; também não há uma cobertura para os dias chuvosos. Melhor explicando, dias bonitos com sol as crianças reclamam do calor, e em dias de chuva não podem desfrutar desses brinquedos.

Ainda com relação à pracinha outros indicadores surgiram e inquietaram não só a mim, mas ao grupo de professores e gestão da escola, as condições dos brinquedos e principalmente a disposição deles.

Lucas: tem que mudar os balanços porque a gente empurra forte e vai parar nas “grades”.

Camilly: Escorregador e balanço eu gosto, não gosto de pula-pula, pula alto toda hora.

Ana Alice: não gosto do escorregador.

Emily: Eu não gosto do balanço porque eu quero “forte” e ele não vai.

Miguel: eu não gosto do sobe-desce porque eu caio!

adquirir uma nova pracinha, que terá brinquedos adequados ao tamanho das crianças e posicionados de forma diferenciada a evitar acidente, tendo os brinquedos um ao lado do outro, visto que o espaço externo da escola é privilegiado para tal.

Outros elementos que me inquietaram nas falas das crianças está em relação ao turno no qual está sendo ofertada a pré-escola, que aparece na fala da mesma criança repetidas vezes o descontentamento com relação a vir para a escola de manhã.

Pamela: eu não gosto de vir pra creche porque fico com sono e por causa do frio.

Essa é uma criança que demonstra diariamente esse descontentamento; chega à escola e parece de mau humor, não conversa até tomar seu café da manhã, não participa das atividades antes do café e age como se fizesse de forma mecânica: tira o material da mochila, senta em uma cadeira observando os outros colegas, lava as mãos para o café.

Com relação ao atendimento às DCNEI, em seu Parecer 20 de 2009, no Art. 5º é abordada a questão da jornada de atendimento na Educação Infantil, sendo parcial ou integral. No Projeto Político Pedagógico da escola a pré-escola é oferecida em turno único, modificada neste ano devido ao fechamento de turmas por número de alunos e de modo a facilitar a organização de horários de planejamento entre as professoras que trabalham com crianças da mesma faixa etária. O planejamento acontece quinzenalmente, reúne no turno da manhã professoras da pré-escola b1 e b2 e a tarde professoras de maternal 1 e 2, e professoras de pré-escola a.

Segundo Ostetto (s/d, p.1): “o planejamento educativo deve ser assumido no cotidiano como um processo de reflexão, pois, mais do que ser um papel preenchido, é atitude e envolve todas as ações e situações do educador no cotidiano do seu trabalho pedagógico”.

Com intuito de refletir sobre as práticas desenvolvidas, organizar atividades conjuntas e compartilhar vivências entre as professoras, as reuniões quinzenais de planejamento acontecem pela primeira vez em nossa escola, por isso ainda estamos em um período de ajustes, porém como algo há muito tempo reivindicado, acreditamos que é um momento que acrescenta positivamente em nossas práticas e qualifica o trabalho pedagógico desenvolvido.

A relação entre as crianças também foi citada nesta atividade, principalmente no comportamento de brigas e colegas que são alvo de interferência da professora nos diferentes momentos de conflitos.

Erick: eu não gosto do Enzo porque ele é muito danado.

Victória: eu não gosto de briga com os colegas.

Lucas: de brincar sim, de briga não.

A função disciplinar é evidenciada nestas falas, mesmo sendo característica de uma educação escolar, acabamos por realizar com as crianças combinados e regras de convivência, as quais usam para justificar seus próprios comportamentos e de forma a cobrar de alguns colegas. Também, o menino chamado de danado vem por vezes sendo rotulado assim pela própria família, tentando justificar as falhas do adulto responsável acabam culpando a criança. Com relação a isso, a família foi chamada e feito os devidos encaminhamentos para especialistas como forma de auxiliar a família e a escola no relacionamento com essa criança.

Segundo Barbosa, “Refletir sobre a luz, a sombra, as cores, os materiais, o olfato, o sono e a temperatura é projetar um ambiente, interno e externo, que favoreça as relações entre as crianças e os adultos e as crianças e a construção das estruturas de conhecimento. (2006, p.122)”. Algumas ações simples como observar para que as cortinas estejam bem abertas e permita que a luz entre na sala, e possibilite as crianças olharem para fora, foi um aspecto citado pelas crianças.

Enzo: Não gosto das cortinas porque não consigo ver as árvores lá fora.

Ainda, é algo que favorece as relações entre as crianças de se perceberem, de observar cores que utilizam em suas produções, de perceber o que acontece com outras crianças no pátio, e que as crianças do pátio observem as atividades desenvolvidas na sala. Por curiosidade, algumas vezes as crianças menores se alegram a ver atividades da sala, que podem ser desenvolvidas também por elas, como brincadeiras e jogos, que por consequência as crianças da pré-escola se integram com as pequenas a partir destas observações, e vice-versa.

Além disso, cabe aqui citar os Parâmetros Básicos de Infraestrutura para as instituições de Educação Infantil (BRASIL, 2009) e a Resolução nº 30 de 21 de Novembro de 2011 que define as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil no Sistema Municipal de Ensino de Santa Maria – RS, nos quais há referência quanto ao espaço físico da escola. A Resolução nº 30/2011 estabelece em seu Art. 30º a estrutura geral e aspectos construtivos e de materiais indispensável para uma EMEI. Citando inúmeros aspectos que nossa escola não está contemplada, sendo também dever do município proporcionar as melhorias necessárias e adequar-se à própria lei.

Acredito que estes são documentos que mais apresentam distanciamento da realidade da escola pesquisada, devido principalmente a falta de espaço para as crianças, em ambientes

internos de salas de referência, como a solários, salas de repouso, fraldário, lactário, até as salas administrativas e de professores. Pensando na qualidade de atendimento às crianças quanto ao espaço, nossa qualidade não atinge o mínimo necessário, pensando que o proposto nos documentos é o mínimo.

3.3 Brincando de magia

Com os mesmos objetivos, outro momento foi desenvolvido junto às crianças em duas etapas. Primeiro propus que utilizassem a varinha mágica confeccionada por elas livremente pela sala com o intuito de que expressassem e me dessem mais alguns aspectos necessários à mudança e uma maior qualidade. Depois, a Fada Encantada mandou outra carta para as crianças, agradecendo e elogiando os desenhos e propôs a elas que a ajudassem a mudar alguns aspectos apontados por elas mesmas.

No momento de brincar pela sala com a varinha *Miguel* a usa nas mochilas, fala algumas palavras já conhecidas de magia (abracadabra!) e eu pergunto-lhe qual a magia que estava fazendo em sua mochila, para o que ele responde: -Eu quero que fique só a minha mochila, pra eu pegar ela de lá (aponta pra cima). As mochilas ficam no alto, eu sempre preciso alcançar para as crianças, ou deixa-las subir em cadeiras para pegar ou guardar algo.

Ana Alice usa a varinha no baú de fantasia, e eu a questiono sobre a magia que estava fazendo, para o que ela responde: - É só pra poder abrir profe.! Ainda não havia brincado com as fantasias, pois quando o exploraram pela primeira vez ela não estava presente.

Stéfany brinca com a varinha nas caixas que guardo materiais, e eu lhe pergunto o que pretendia, para o que ela responde: - Não quero abrir profe, eu quero trocar porque “estão” velhas.” Acredito que por já conhecer a sala no ano anterior quando buscava a irmã na escola, definiu as caixas como velhas.

Emily e Pamela apontam para o ventilador e dizem abracadabra, e todas as outras crianças vem e fazem o mesmo, ao que lhes questiono sobre a magia desejada, e obtenho a resposta de *Pamela*: - É pra desligar que eu “to” com frio! Pamela não gosta de vir pra escola de manhã, sempre diz estar com frio.

Nicolas abre a porta do armário de jogos, e todos correm pra ele perguntando o que faria, ao que ele responde: - É pra fada trazer jogo novo pra nós.

Após isso, um momento de dispersão do objetivo da atividade uma criança começa a apontar para os colegas e dizer: “- Agora um sapo! - A profe é um dinossauro! Não, não! É

um jacaré!” E a partir daí começamos a brincar de nos transformar em bichos! *Ana Alice, Emily, Erick* apontam as varinhas para o armário de jogos. “- *Querem mais jogos novos? - Não né profe, é para pegar aquela caixa vermelha.*” Na caixa vermelha tem brinquedos, eu a guardo em cima do armário devido ao pouco espaço da sala, julgando ser melhor para a mobilidade das crianças.



(Figura 4: Crianças fazendo mágica nas mochilas)

A partir deste primeiro momento, as crianças recebem a segunda carta da Fada Encantada:

De: fada Encantada
Para: pré-escola b1

Olá crianças! Como estão?

Eu estou bem e feliz, recebi os bilhetinhos de vocês! Agora fiquei conhecendo tudo que não gostam na escola e o que querem mudar. Eu vi a brincadeira com a varinha mágica na sala de aula e percebi que podem me ajudar!

Sabem o que querem mudar na sala? Vocês podem mudar com a prof Lu ajudando, vão lembrando em que usaram a varinha e mãos à obra!

Lembrem a prof Lu vai ajudar! Tenham calma! Adorei as ideias e desenhos!

Beijos crianças lindas!
Ass.: Fada Encantada

Novamente se reafirmam aspectos citados pelas crianças em momentos anteriores, em falas expressadas nas primeiras atividades. Como sugerido na carta, as crianças foram motivadas a modificar, a mexer, a transformar o que não gostavam, o que acreditavam que era preciso melhorar no âmbito da sala.



(Figura 5: Crianças modificando de lugar os móveis e brinquedos da sala)

3.4 Estratégias desenvolvidas

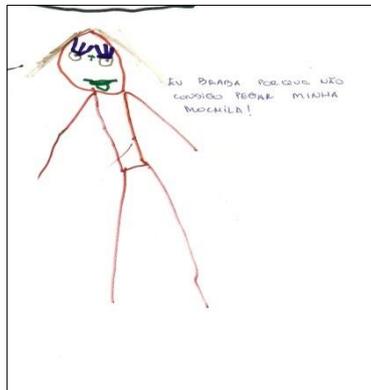
Diante desse movimento, penso que surge a primeira estratégia desenvolvida junto às crianças para transformar a realidade no primeiro caso especificamente a sala, trocando móveis de lugar, caixas de brinquedos, baú de fantasias e mochilas.

Durante o momento de mudança fui lembrando com as crianças onde haviam brincado com a varinha e fui auxiliando-as e questionando-as o porquê de ser modificado.

Ações simples e de fácil explicação para elas como, por exemplo, trocar o lugar do baú de fantasia de um lado onde fica inacessível se um colega estivesse sentado, visto que ficava próximo à mesa, e o colocaram em um dos poucos espaços livres - em frente a um painel de atividades. Também algo de extrema importância para eles, já citado em momentos anteriores: a caixa de brinquedos que ficava em cima do armário de jogos! Escolheram posicioná-la também no chão, justificando que elas precisam pegar os brinquedos e não mais depender da professora para retirá-la do armário, assim como a televisão de papelão que também optaram por colocá-la em lugar acessível a elas. Ainda sugeriram que o armário fosse colocado em outra posição para que tivessem mais espaço da parede para pendurar cartazes, brinquedos, bolsas, enfim, a lógica das crianças me informava para que eu reposicionasse o armário.

Interessante ainda que, a partir destas modificações surgiram novas estratégias junto à direção da escola. Uma das principais mudanças foi a de trocar as mochilas de lugar, pois os ganchos onde ficavam estavam altos do chão, em cima, e desejavam que estivessem ao seu alcance, embaixo. No momento desta reivindicação a coordenadora pedagógica estava presente em nossa sala, que participando do momento nos colocou que devíamos consultar a diretora para tal mudança. Novamente instiguei as crianças a colocar os motivos pelos quais queriam a mudança, motivos esses que deveriam convencer a diretora que a mudança era

necessária. Escrevemos então uma carta para a diretora como forma de reivindicar a mudança, na qual as crianças fizeram desenhos expressando como era difícil a organização com as mochilas em cima.



(Figura 6: desenho Ana Alice, “Eu braba porque não consigo pegar minha mochila”)

Diretora Solange

Estamos organizando nossa sala para brincarmos melhor, já organizamos e mudamos de lugar alguns brinquedos.

Agora queremos mudar as mochilas de lugar e colocar para baixo. Porque embaixo fica melhor, dá para pegar sozinho a nossa toalhinha, o nosso litrinho de água. Até o CD pra gente olhar na escola.

Também a professora cansa as mãos e os braços de pegar pra nós. Já sabemos que temos que nos comportar bem com as mochilas embaixo, não mexer nas mochilas dos outros, só na nossa, só o dono.

Vamos pegar coisas da mochila quando chegamos na escola e quando vamos embora.

Quando precisar de lápis, caneta para fazer a atividade, guardar o estojo. Guardar o casaco e o caderno, pegar o chinelo e outra roupa. Por favor, pensa bem no pedido de colocar nossas mochilas embaixo.

Pensa bem!

Pensa bem!

Pré-escola b¹

A carta foi entregue à diretora, que nos respondeu através de outra carta e atendendo ao pedido das crianças além do que haviam solicitado, propôs ao invés de trocar os ganchos, acrescentou que, assim respeitando o direito das crianças de escolherem onde pendurar. Assim como a maioria gostaria das mochilas embaixo havia outras em minoria que não queriam correr o risco de ter colegas mexendo em seus pertences, por isso antes da carta ser enviada, de forma a ser uma mudança democrática, realizei uma votação, entre as 14 crianças presentes 12 votaram pela mudança e 2 contra.

Alunos do pré- b1

A professora Solange gostou da opinião de vocês e também da organização da sala.

A escola é de vocês só que precisamos seguir algumas regras para o trabalho poder andar. Eu sei que a professora Lu já fez os combinados com vocês. Esperamos que cada um respeite as mochilas dos colegas não mexendo, se organizando cada um com os seus materiais. A professora Lu não vai mais cansar os braços de pegar os materiais, pois a professora Solange sabe que vocês são crianças que seguem os combinados, respeitam as coisas e são organizados. A professora Solange sempre que puder atender e está em seu alcance os pedidos dos alunos da Ida Fiori Druck de uma maneira ou de outra fará.

A professora Solange adora vocês.
Um beijo para cada um;
Solange Maria Ferraz.

Além das estratégias dentro da sala, as crianças desenvolveram outras estratégias principalmente nos momentos da área externa da escola, no pátio. Como a pracinha era um dos indicadores de má qualidade e que não gostavam de algumas coisas, mas sentiam necessidade de brincar ali.

Quanto ao calor duas estratégias foram propostas: a autorização para subir nas árvores, e para levar brinquedos para fora, regras estas estendidas a todas as crianças da escola. Para tal, as crianças se comprometeram em tomar cuidado com os galhos mais frágeis e que não suportem seu peso, e de não arrancarem suas folhas. Além disso, levando brinquedos para fora era necessário que ao final da brincadeira os guardassem e integrassem as demais crianças no pátio. Os brinquedos levados são geralmente bolas e cordas, além da tabela de basquete. Com relação aos brinquedos da pracinha criaram um mecanismo de troca-troca nos balanços para dar oportunidade para todas as crianças brincarem, considerando o pequeno número disponível.

Aqui instiguei as crianças a pensar uma forma de todos brincarem nos balanços de forma igual, pelo mesmo tempo. Assim, pensaram em placas que utilizamos em brincadeiras sobre o trânsito, verde para se balançar e vermelho pra descer do balanço e emprestar. Mas quem ficará com as placas? Por quanto tempo ficarão no balanço? Eis que surge a ideia de ter alguém denominado pelas crianças como o “juízo”, que segurará as placas, uma criança por dia. E o tempo deve ser marcado 2 minutos, *mas como, se não sabemos as horas?* alguém lembrou, para o que outro respondeu que era só contar duas vezes. *Como assim?*, questionei, *duas vezes até quanto?* Resposta: *até onde eu sei contar!* O número escolhido foi 20. Porém, este momento de “juízo”, funciona apenas durante o período em que estão sozinhos na pracinha, quando há outras turmas, principalmente os menores, a pré-escola b1 cede os balanços, pois se usarem as placas os pequenos não entendem.

Baseada em Kohan (2004), acredito que pode haver outros tempos para o que é próprio da criança, como na situação descrita. Assim como há importância no tempo cronológico (*chrónos*) há igualmente importância da vivência do tempo de intensidade (*aión*), o tempo *aión* é aquele criado pela criança que é ao mesmo modo espaço de viver, criar, recriar, inventar sua infância. Porém o que vivenciamos hoje é um descompasso entre o tempo da escola e o tempo próprio da criança.

3.5 Pinóquio fujão e o “véio” do saco

Logo após desenvolver as estratégias com as crianças, resolvi ir além e retomar a história de Pinóquio com um questionamento central de descobrir o que acontece com as crianças que fogem da escola e o porquê fogem. Algumas alternativas foram dadas e discutidas com as crianças.

Primeiramente as crianças foram expondo as distrações de Pinóquio no caminho para a escola, o circo e o país da alegria onde as crianças não precisam ir à escola, baseados nos fatos da história.

Ana Alice: Porque ele foi pro circo e só brincar, ficou um burro.

Enzo: Porque tem bandidos incomodando ele.

Emily: Porque um guri chamou ele, e ele seguiu pra outro lugar.

Misturaram por alguns momentos os motivos de Pinóquio não ter ido à escola com seus próprios motivos e as atitudes dos adultos responsáveis a levá-las para a escola.

Enzo: Tem muitas crianças incomodando.

Erick: Quer ficar em casa porque tem preguiça.

Emily: Eu não queria vim e a minha mãe não deixou, tem que vim todo dia de manhã pra creche, e eu não tinha mamadeira.

Camilly: Ele não se lembrava onde era a escola, o pai dele não acordou ficou atrasado, ele não conseguiu achar.

Como descrito nas DCNEI, no art. 5º, § 2º: “É obrigatória a matrícula na Educação Infantil de crianças que completam 4 ou 5 anos até o dia 31 de março do ano em que ocorrer a matrícula.” Isso é colocado como um direito da crianças e dever dos pais de matricular e levar as crianças para a escola, porém há outros motivos que levam uma família a matricular uma criança menor na escola. Primeiro pelos benefícios federais concedidos em forma de bolsas; o mais popular é o programa Bolsa Família⁶. Porém para as crianças que não

⁶ Programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza em todo o País. Segundo o Ministério do desenvolvimento Social e Combate a Fome, o programa reforça o acesso a direitos sociais básicos como saúde, educação e assistência social, contribuindo significativamente com

participam do Programa Bolsa Família, legalmente não há consequências para os pais que não as levam na escola, salvo crianças que são matriculadas por ordem do Conselho Tutelar. Recentemente há um controle da frequência das crianças através da rede FICAI, na qual professor e direção devem acionar o órgão e repassar o nome das crianças que tem faltas consecutivas, com o intuito de repassar a vaga para outra criança, além de saber os motivos pelos quais a criança evadiu, acionando órgãos de maior competência como o Conselho Tutelar e a Promotoria da Infância e Juventude, e amparar crianças de alto risco de vulnerabilidade social.

As crianças ainda opinaram sobre as consequências para aquelas que não veem à escola. Dentre os motivos mais citados, em destaque está uma figura fantasiosa, “o velho do saco.”

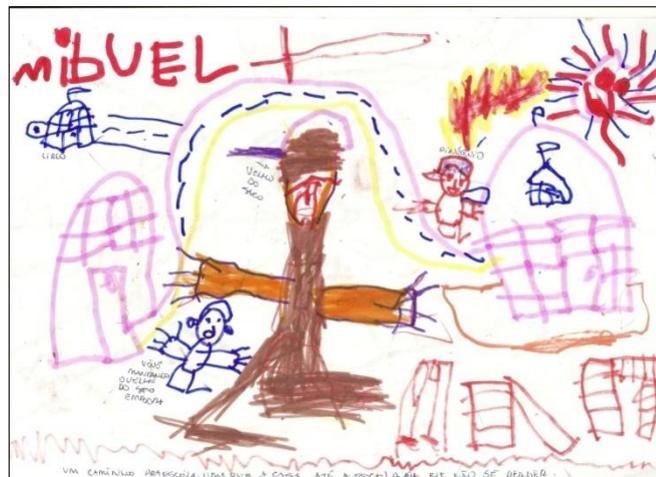
Não vai na escola, nem na igreja.

Morre!

Morre de saudade da escola.

Não, morre por causa do véio do saco.

O véio do saco anda na rua pra pegar as crianças, vai tocar na sanga, vai pegar as crianças teimosas que andam na rua.



(Figura 7: Miguel, desenho feito para ilustrar o “véio do saco” pegando as crianças que se desviam do caminho da escola.)

Por vezes presenciei os pais justificando para as crianças a importância de estarem presentes na escola por causa do tal “véio do saco”. Durante o período que destinamos a conhecer a família e a criança em entrevistas no início do ano letivo, muitos pais expuseram a necessidade de matricular a criança na EMEI por necessidades de trabalho, não tendo com

a permanência das crianças na escola, pois para renovação do benefício precisam apresentar periodicamente a frequência escolar dos filhos.

quem a criança ficar em casa, caso não estejam na escola ficarão sozinhas. Entendo o “*véio do saco*” como um argumento dos pais, porém relacionando-o a uma figura popular que perambula e trabalha na rua como catadora de material reciclável, figuras comuns na região da escola, segundo a descrição feita pelas crianças. Acredito que existem outros argumentos que sustentam a necessidade de uma criança estar na escola, argumentos mais verdadeiros que podem ser expostos a elas, como por exemplo, a própria questão da mãe trabalhar, da criança conviver com outras crianças, de aprender. O argumento do “*véio do saco*” pode ser de imposição, de assombro à criança, tornando a escola como um *mal necessário*, não contribuindo para despertar para o prazer de estar na escola, de aprender, de brincar, de conviver com outras crianças.

4 CONCLUSÕES

Ao longo da pesquisa e da produção do trabalho pude perceber a relevância da temática para a Educação Infantil. Pesquisar sobre a Qualidade na Educação Infantil com foco na visão que as crianças têm sobre o assunto enriqueceu a pesquisa, visto que na escola pesquisada já havia sido feita uma consultoria, porém apenas com a visão dos adultos, pais, professores e funcionários.

A relevância maior do trabalho se dá à escuta das crianças, que, muitas vezes, não conseguimos ouvi-las e até mesmo compreende-las. Ao longo da pesquisa a voz da criança teve lugar de destaque e sobre ela a análise da qualidade da escola. Segundo Demartini,

Considero não apenas necessário conhecê-los enquanto grupos sociais distintos, com vivências e culturas diferentes daquelas encontradas entre os grupos mais velhos, mas, principalmente, escutá-los para podermos enfrentar juntos os sérios problemas que a sociedade brasileira atual nos coloca (2002, p. 2).

Já é sabido que as crianças são produtoras de culturas e sujeitos ativos, o interessante é ouvi-las, conhecer suas culturas. A Qualidade na Educação Infantil é um dos problemas enfrentados na atualidade em nosso país, quem melhor para falar e sugerir mudanças nesta etapa da Educação Básica que os sujeitos que pertencem a ele, as crianças. A qualidade é sim um problema que deve ser enfrentado não só pelos professores, pais como também pela própria visão das crianças sobre o assunto, que são as principais protagonistas desse cenário, vivendo parte significativa de sua infância no contexto desta instituição.

Ainda sobre a concepção de Demartini (2002) acredito que a criança que fala já tem sua identidade construída no grupo da qual ela pertence, tem memória. Podemos considerar o grupo como a turma de pré-escola b1 que permaneceu praticamente o mesmo desde o ano anterior, que já vem neste tempo se constituindo como um grupo, construindo sua história e nela mergulhando em questões do cotidiano da escola, no caso da qualidade de sua educação.

Aliados aos relatos orais das crianças, os desenhos feitos por elas nos diferentes momentos contribuem para a pesquisa e para ampliar sua escuta e sua participação. Com relação aos desenhos Gobbi (2002) nos coloca que “sua riqueza e sua complexidade permitem-nos também concebê-los como expressão capaz de nos apresentar o que está sendo vivenciado e percebido por seus produtores (p. 74)”. As crianças como produtoras de seus desenhos me fizeram refletir e perceber o que pensam e entendem por qualidade, de perceber que para se ter qualidade devemos pensar a partir do que elas vivenciam, a partir do que elas nos pensam, sentem e falam.

Ainda, entendendo a qualidade da Educação Infantil como um desafio, podemos inferir com base em Zabalza (1998) que a qualidade expressa pelas crianças pesquisadas está vinculada à satisfação dos participantes no processo e dos usuários do mesmo. Entendendo aqui os participantes e usuários como sendo as crianças, que participam e desfrutam da educação na escola, que desfrutam dos aspectos citados por elas como indicadores de qualidade.

Ouvindo as crianças surgiram aspectos como indicadores de qualidade que já haviam sido pensados pelos adultos como determinantes para a qualidade, porém o significado dado por elas foi diferente. Os aspectos estão em relação aos brinquedos e à pracinha, ao espaço físico, à oferta da educação infantil e à relação entre as crianças, sendo estes aspectos interligados, dependentes um do outro no cotidiano da pré-escola b1.

Nas estratégias criadas junto às crianças pude perceber a diferença entre espaço e ambiente, mesmo entendendo que são intimamente ligados. Entendendo espaço como a parte física da escola e da sala, constituído por móveis, materiais; e ambiente como algo mais amplo que depende dos sujeitos, das interações que acontecem em promovem no espaço. Acredito que na medida em que as crianças interferiram positivamente no espaço da sala estavam promovendo sua transformação para que atendessem às funções e às expectativas de suas interações no ambiente. Forneiro (1998) nos leva a pensar que o ambiente “fala”, assim a interferência das crianças na sala da pré-escola b1 fala sobre as relações que ali estabelecem,

fala do tipo de atividade que desenvolvem, do que se interessam, sendo que este interesse principal evidenciado pela pesquisa está nos brinquedos.

Ainda, as dimensões propostas por Forneiro (1998), são claramente evidenciadas nas intervenções feitas pelas crianças, entendendo que as dimensões se inter-relacionam e apareceram de forma integrada em nossa sala. A dimensão física, quando falam sobre portas e janelas, sobre as condições da pracinha. A dimensão funcional quando trocam brinquedos e seus objetos de lugar de modo a serem usados com autonomia. A dimensão temporal quando sugerem formas de utilizar os balanços para todos brincarem por um mesmo tempo. E, a dimensão relacional quando repensam a minha participação de professora em momentos em que poderiam realizar sozinhos, como pegar brinquedos e utilizar a mochila.

Segundo Barbosa, “quanto mais o espaço estiver organizado, estruturado em arranjos, mais ele será desafiador e auxiliará na autonomia das crianças” (2006, p. 124). Longe de ser o ideal de estrutura física, o espaço da sala da pré-escola b1 se tornou um ambiente mais desafiador e de mais estímulo à autonomia. Um espaço que, de certa forma, era de maior presença do adulto, inibindo a autonomia das crianças, e tornou-se um ambiente a partir do que as crianças acreditam e entendem como sendo melhor, organizado pelos seus interesses, que lhe proporcionem autonomia, independência muito mais do que a mobilidade da visão do adulto.

No art. 9º das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, há referência ao brincar e à brincadeira como um dos eixos norteadores da prática pedagógica na Educação Infantil. Como questiona Fortuna: “Qual é o lugar da brincadeira na educação infantil?” (2006). Acredito que na minha prática isso é bem maior do que pensar em um brincar nem tão largado, nem tão dirigido. Brincar é mergulhar no universo da criança, na sua cultura e daí emergem inúmeras outras relações; é conhecer a criança através das representações no faz-de-conta, tentar entender o que essa criança vive em casa, ou a forma como ela vê a professora, como os adultos que lhe influenciam nas suas construções de caráter, de comportamento social.

Acredito que através da pesquisa desenvolvida com as crianças pude compreender a escola como lugar privilegiado para se viver a infância e também como espaço/tempo de traçar processos sociais intencionais de mediação e interação. Cabe a mim professora intencionar minhas práticas para que a interação entre as crianças e das crianças com adultos professores aconteça de forma a qualificar o ambiente de conhecimento e de relações.

Intencionando minha prática de forma mais ampla com o curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, e ainda mais com este trabalho, pude qualificar a minha prática aprendendo a ouvir e a compreender o que me falam as crianças, criando com elas estratégias para que a educação de qualidade almejada se relacione à sua participação ampliada, estendida e mais compartilhada.

Interessante compreender que para que a pesquisa com as crianças se desenvolvesse e que as estratégias fossem colocadas em ação, houve a participação significativa da gestão da escola. Entendendo aqui a gestão democrática como constituída pelo coletivo, pela ação participativa, na qual incluiu-se as crianças como gestoras da escola na medida em que, participando, repensando e agindo sobre a escola quanto a sua qualidade, contribuíram para sua formação de cidadania, possibilitando a participação como uma dimensão mais ampla de estar no mundo.

A continuidade da temática relacionada à qualidade na Educação Infantil se dará através de novos projetos pedagógicos delineados a partir do que já foi desenvolvido com as crianças, como por exemplo, tratando de questões relacionadas ao “véio do saco”, levantadas pelo interesse das crianças.

Ainda, como forma de continuidade da pesquisa desenvolvida, acredito que esta abriu precedentes para que crianças de outras turmas também possam interferir de forma significativa e propositiva em questões relacionadas à organização e atendimento, educação de qualidade que recebem em nossa escola.

Com a afirmação de Zabalza é possível trazer ainda uma conclusão, não definitiva, mas como ponto inicial:

Será difícil alcançar elevados níveis de qualidade em processos que possuem uma baixa qualidade de projeto. Somente se a educação tiver sido projetada para alcançar altos níveis de qualidade e se tiverem sido adotadas as decisões apropriadas para isso (no que se refere a investimentos, recursos, condições de trabalho, etc.) será possível exigir depois que a qualidade dos produtos seja alta (1998, p. 34).

Acredito que essa pesquisa é um marco na EMEI Ida Fiori Druck, projetando uma educação com um alto nível de qualidade a partir com a escuta das crianças e da efetiva participação delas em decisões de gestão; é um investimento feito por nós professoras da Educação Infantil, apesar do pouco investimento e contribuição dos órgãos competentes no que diz respeito às condições de trabalho e valorização dos professores que ainda buscam reconhecimento social, valorização e fortalecimento de sua identidade como profissionais da educação.

Para finalizar, acredito que os objetivos com os quais a pesquisa foi realizada foram alcançados, e o que as crianças entendem por uma educação de qualidade me possibilitou novos conhecimentos e um novo olhar ainda mais atento à fala das crianças e elementos para uma continuidade em meus estudos sobre infância e criança.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, Celso. **A linguagem do afeto: como ensinar virtudes e transmitir valores.** Campinas, SP: Papirus, 2005.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **Por amor e por força. Rotinas na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2006.

_____; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil/Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica – Brasília: MEC/SEB, 2009.**

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Ministério da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2010. Resolução nº5, de 17 de dezembro de 2009. Parecer CNE/CEB nº 20/2009.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).** Lei Federal n.º 9.394/96. Rio de Janeiro: DP&A, 1998ª.

BRASIL. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação.** Secretaria de Educação Básica – Brasília DF 2006. V.2.

CAMPOS, Maria Malta; CRUZ, Silvia Helena Vieira. **Consulta sobre qualidade da Educação Infantil: o que pensam e querem os sujeitos deste direito.** São Paulo: Cortez, 2011.

DELALANDE, Julie. **As crianças na escola: pesquisas antropológicas.** In: Sarmento, Manuel Jacinto (org.).

FERREIRA, N. S. C. **Gestão Educacional e organização do trabalho pedagógico.** Curitiba: IESDE, 2003.

FARIA, Ana Lúcia Goulart; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri; PRADO, Patrícia Dias. **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças.** Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

FORNEIRO, Lina Iglesias. **A organização dos espaços na Educação Infantil.** In: Zabalza, Miguel A. *Qualidade em Educação Infantil.* Porto Alegre: Artmed, 1998.

FORTUNA, Tânia. **Os desafios de quem atua na Educação Infantil.** Revista atividades e Experiências, março/2007.

GUEDIN, Evandro. FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação.** São Paulo, SP: Editora Cortez, 2011.

KOHAN, Walter O. **A infância da educação: o conceito devir-criança**. In: Kohan Walter O. (org.). Lugares da infância: filosofia. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 2004.

KRAMER, Sonia. **Pesquisando infância e educação – um encontro com Walter Benjamin**. In: Kramer, Sonia e Leite, Maria Isabel(org.). Infâncias, fios e desafios da pesquisa. Campinas, SP: Papirus, 1996.

NUNES, Maria Fernanda Resende. **Educação infantil: instituições, funções e propostas**. In: Corsino, Patrícia (org.). Educação Infantil: cotidiano e políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

VALLE, B. B. R. (org). **Políticas Públicas em Educação**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

ZABALZA, Miguel A. **Qualidade em Educação Infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Referências de Sites:

O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes. - <http://www.drb-assessoria.com.br/29PLANEJAMENTONAEDUCACAOINFANTIL.pdf>

FORTUNA, Tânia Ramos. O brincar na educação infantil. **El Globo Rojo**. La piedra en el estanque. Buenos Aires, 2006. Disponível em http://www.educared.org.ar/infanciaenred/elgloborojo/piedra/2006_06/03.asp

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Planejamento da Educação Infantil, mais que a atividade em foco <http://www.drb-assessoria.com.br/29PLANEJAMENTONAEDUCACAOINFANTIL.pdf>